

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR
EM PERFORMANCES CULTURAIS

Dayana Gomes Pereira

Dança negra: Corpo, memórias e performances

Projeto de Pesquisa para o Programa de Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais – EMAC/UFG. Linha de pesquisa: espaços, materialidades e teatralidades. Sob a orientação da professora Dr.^a Vânia Dolores Estevam de Oliveira e Co-orientação do professor Dr^o Paulo Petronilio.

GOIÂNIA

2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 – MEMÓRIAS DA DANÇA NEGRA FEMININA NO BRASIL

1.1 Memória e esquecimento

1.1.1 Personagens e suas representações

1.2. Mercedes Batista – Dançando suas trajetórias

1.2.1. Formação em dança

1.2.2. O balé clássico;

1.2.3. A dança moderna;

1.2.4. Danças étnicas;

1.2.4.1.1. Matriz africana

1.2.4.1.2. A dança afro-brasileira;

1.2.4.1.3. A dança dos orixás;

1.3. Desdobramentos

1.4. Hoje - dança negra contemporânea;

CAPÍTULO 2 – MEMÓRIA DO CORPO NEGRO FEMININO NA ARTE DA DANÇA: DO CORPO OBJETO AO CORPO POÉTICO

2.1. Corpo Negro: lugares e representações espaciais

2.1.1. Desdobrando conceitos - Corpo objeto e liminaridade

2.2. Ser mulher negra no Brasil - Corpo feminino na dança

2.2.1. Processos de subjetivações

2.3. Corpo criativo - Corpo poético

2.3.1. Resistência e ato criativo

CAPÍTULO 3 – MERCEDES BATISTA: UMA CARTOGRAFIA DE MEMÓRIAS DE MULHERES NEGRAS NA DANÇA;

3.1. Trajetória de vida – rompimento/enfrentamento/arte no seu lugar político

3.1.1. Construindo possibilidades;

3.2. Formação rizomática

3.2.1. Dança clássica, dança moderna, dança afro, dança dos orixás

3.3. Performances – Análise do documentário Balé de pé no chão ou da fotografia aula de dança

3.3.1. Lugares de pertencimento;

3.4. Subjetividades – Narrativas testemunhais (percepções de si, do seu próprio corpo, de seu tempo e suas performances)

Conclusão - Um diálogo consigo mesmo e com o mundo

INTRODUÇÃO

São três os principais fatores que nos instigam à realização desta pesquisa. Dentre estes fatores está a necessidade latente de contribuir para os estudos e valorização da cultura negra na sociedade e nos espaços de produção de conhecimento, tanto acadêmicos quanto da cena artística contemporânea.

Quando se pensa em bailarina é fato que não nos vem à mente uma personalidade negra dançante. Quando pensamos danças tradicionais ou dança afro, aí sim nos apetece acreditar que sejam representadas em boa parte por dançarinas negras, o que de fato é bastante representativo. Ainda assim é distante o reconhecimento da mulher negra na dança no viés da produção artística.

Visitando escritos sobre a dança e sobre a história dessa arte no Brasil (BOURCIER, 1987; FARO, 1988; PORTINARI, 1989, CAMINADA, 1999), percebe-se que estas artistas são pouco ou nunca citadas e quando o são, estão sendo reconhecidas pela ousadia e enfrentamento dos contextos vividos. Isso acontece de modo geral não somente com as mulheres, mas com o artista negro na dança também.

Como segundo fator vem a tentativa de compreender a construção das subjetividades que ampliam os saberes e despertam sensibilidades, potencializando corpos às diversas ações criativas. Nas turmas de dança da rede pública, identifica-se atualmente uma ampla proporção de corpos negros femininos¹. A necessidade de contextualizar referências em dança destes corpos se faz emergente e indispensável. Acreditando que estes corpos podem influenciar novos olhares e novas perspectivas sobre estas possibilidades de um corpo criativo.

O que dançar? Este é o terceiro ponto, que busca evasão na necessidade de tratar as estranhezas que este corpo negro propõe-se enquanto corpo negro dançante e o princípio de vontade que permeia as atuações corporais em cena. Esta reflexão se propõe a pensar o corpo negro feminino em cena, considerando que este corpo é marcado pela sua própria memória e trajetória e se propõe como corpo dançante. Pela infinidade de possibilidades de processos criativos em dança é importante pensar que cada corpo escolhe seus caminhos e processos, entretanto por quais fatores passam o ato de escolha?

¹ Pode se considerar uma média de 15 alunos para cada turma de 20 alunos (as).

Tais questões e reflexões moveram a proposição deste trabalho de pesquisa que objetiva não somente criar arquivos, mas também resgatar suas ações, produções, memórias e trajetórias no percurso da história e na contemporaneidade, buscando na trajetória da bailarina negra Mercedes Batista reconstruir nossas memórias e criar uma cartografia de como tem sido a construção deste cenário.

Esta pesquisa, que se afigura pioneira, intenta abrir caminhos para entender as sensibilidades, as ações criativas, os processos, e memórias que foram sendo construídas em, na, pela e com a dança, por esta personalidade feminina negra na dança. Considerando a relevante atuação artística, política e criativa, que esta mulher construiu em sua trajetória. Por acreditarmos que estes caminhos venham a ser importantes na construção de outras tantas trajetórias, é que iremos atrás dessas memórias. Nesta tarefa, necessariamente teremos que considerar os diversos fatores que influenciaram na existência dessa lacuna de nossa historiografia, como os fatores políticos, culturais, eurocentristas e o próprio contexto racial.

A partir do olhar de Galeano (1991), Neves (2000, p. 109) apresenta a memória como o “melhor ponto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade”. A memória está estritamente ligada ao ato de recordar, e GALEANO (1991, p. 10) nos relembra também que “recordar do latim re-cordis é tornar a passar pelo coração”. Neste ponto de encontro onde esta pesquisa passa de diversas formas por experiências e memórias pessoais, acreditamos que “de fato, na busca de construção da identidade, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias, em uma dinâmica que pode apresentar um caráter espontâneo ou direcionado” (NEVES, 2000, p.109).

Consideramos que o ser mulher e negra transformam em determinados momentos essas trajetórias em experiências coletivas, porque Halbwachs (1990) já nos apontava que na memória não há “vazio absoluto, quer dizer, regiões de nosso passado saídas de nossa memória” que não possa “agarrar-se a nenhum elemento de lembrança [...] ou uma representação histórica que nos permaneça exterior” (Halbwachs, 1990, p. 76). Muitas vezes, o que parecia-nos um espaço vazio “não passava de uma região pouco definida”. Quando encontramos algum vestígio ou quando nos indicam “com precisão o caminho que temos que seguir, esses traços se evidenciam, os ligamos um ao outro, aprofundam-se e se juntam por si mesmos” (Halbwachs, 1990, p. 76).

Assim, pensaremos o corpo negro feminino na dança na cena contemporânea, partindo de um processo de reconhecimento deste cenário, apontando como recorte a relevância do contexto vivido por Mercedes Baptista, passando por diferentes trajetórias de algumas representatividades que viveram essa experiência compondo de alguma forma este cenário da dança.

O que se busca é conhecer os processos que foram sendo percorridos por esta artista no seguinte lugar: um corpo feminino, desejoso de criar e estabelecer-se em cena, enquanto manifestação em arte. Em contradição, o corpo negro despercebido, com referências limitadas, inacessível, posto em questão entre a sua realidade e o modo como é visto pelo outro. E por princípio um corpo que carrega uma “cicatriz” histórica de ser um corpo escravizado, por vezes violentado, domesticado. Partindo desse lugar, entretanto, vem se propondo de diversas formas como corpo criativo e dançante, e por isso, liberto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para levantar os aspectos referentes ao corpo negro que possam caracterizar e identificar fatores que desviam e aproximam estes corpos dos processos criativos e expressivos em arte/dança, bem como os lugares de pertencimento destes corpos, dialogaremos como autor e referência principal, Michel Foucault e José Gil.

Verificaremos conceitos que nos aproxime da noção de corpo em desvio e seus desdobramentos, como: “Corpo liminar, subjetividade, noção de pertencimento e lugares da cultura”, a partir dos autores: Victor Turner, Deleuze e Gattari e Mafessoli.

Revisaremos, analisaremos e levantaremos dados sobre a trajetória e produção artística de Mercedes baptista á partir de sua biografia: Mercedes Batista – A criação da identidade negra na dança, 2007. Autor: Paulo Melgaço.

Analisaremos o vídeo documentário “Balé de Pé no chão” de Mariana Monteiro, que retrata memórias, trajetórias e a relação de Mercedes Baptista com a dança, seus lugares de pertencimento, seus olhares.

Buscaremos resgatar uma das produções de Mercedes Baptista para análise de percepções, afetações e referências da obra (época, lugar, elementos cênicos, recursos,

relevância da obra, receptividade, signos) bem como se possível de seu processo de criação.

Das referências literárias relacionadas a temas específicos que permeiam esta pesquisa, apresentamos como fundamentação teórica prévia os seguintes autores. Sobre dança no Brasil revisaremos a principal obra referente ao tema, de: Eliana Caminada, Eduardo Sucena e Antônio Faro. Sobre a dança e o olhar de mulheres e bailarinas negras, apresentamos: Inaycira Falcão, Renata Lima e Zita Ferreira. Sobre mulheres negras no Brasil, nos reportaremos às escritoras: Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, Jurema Werneck e Sueli Carneiro. Já abordando as questões relacionadas á memória e trajetória, nos pautaremos em Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Henri Bergson e Lucília Neves.

JUSTIFICATIVA

Após um longo período marcado pela “invisibilidade do negro” e de suas produções artísticas no Brasil, uma bailarina marca um período importante da historiografia da dança. Mercedes Ignácia da Silva Krieger, Mercedes Baptista² nasceu em Campos dos Goyatacazes, Rio de Janeiro. Mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro ainda criança, onde começaram seus primeiros passos. Estudou no Colégio Municipal Homem de Mello, na Tijuca. Começou a trabalhar ainda cedo. Em uma oportunidade trabalhou na bilheteria de um cinema, e foi aí que começou a se encantar com o palco e a vida de artista.

Motivada pela possibilidade de frequentar uma escola de dança e de se formar nesta arte, Mercedes é aceita em 1945 no Curso de Dança dirigido por Eros Volússia no Serviço Nacional de Teatro do Rio de Janeiro, com quem teve lições de balé clássico e dança folclórica.

Mercedes tem deixado um legado de atuação e produção que introduz uma reflexão e uma transposição acerca da dança e da dança negra. Segundo Elisa Nascimento e Abdias Nascimento em citação no prefácio do livro de Melgaço (2007, p. 7), ressaltaram Mercedes como “uma mulher negra que ousou almejar e galgar espaços novos numa sociedade

² Melgaço, 2007, p. 17, em nota explica que não pôde precisar sua data de nascimento devido a grandes controvérsias. Em Sucena (1989) encontrou 28 de março de 1921; em depoimento realizado no Museu de Imagem e Som (1997) ela declarou 20 de maio de 1926; em Faro & Sampaio (1989) consta 1930; seus ex-alunos consideram 20 de maio de 1921.

discriminatória, esse fato significou a necessidade constante de superar obstáculos.” Este marco não pode deixar de ser lembrado e rememorado. Mercedes Baptista além das referências de suas produções artísticas, enfrentamentos e lutas, deixa claro a perspectiva de alcançar novas proposições e possibilidades múltiplas, fazendo-nos perceber neste percurso o quanto foi difícil alcançar tais lugares, conquistas e superações, e o quanto ainda é possível e necessário estruturar nestes contextos sociais atuais.

Para esta pesquisa os passos de Mercedes Baptista, marcam o início do espetáculo da vida de muitas mulheres negras que se dispõem a dançar suas histórias. É possível a partir daqui levantar inúmeras questões, que irão transitar nesta pesquisa. Muito da história de vida dessa guerreira está sendo reproduzido até os dias de hoje, como a ausência de bailarinas negras em corpos de bailes, escolas de dança, espetáculos e grupos diversos, o que nos leva a concordar com Mariana Monteiro (2008, p. 06) em seu texto “Dança Afro: uma dança moderna brasileira”, quando afirma que “um espaço real para a atuação do bailarino negro ainda não se efetivara”.

O exemplo deixado por Mercedes Batista durante toda sua trajetória é ímpar para se pensar os caminhos abertos e construídos para a história da dança no Brasil e para percebermos que após este período é possível começar a pensar a mulher negra na dança e na arte. Instiga-nos buscar quem são estas mulheres, e se é possível “trançar” o que dançam hoje. Quais são as perspectivas, as oportunidades e os lugares de encontros e desencontros. Partiremos desta possibilidade de uma busca de reconhecimento dessas mulheres, destas danças e destes múltiplos olhares e seus enfrentamentos, rompimentos, descobrimentos e apontamentos.

O contato com algumas personagens que hoje representam uma mudança no quadro de reconhecimento e valorização da mulher negra neste espaço, vem como um fator de extrema importância no processo da construção da história da mulher negra, da mulher negra na arte e na história da dança.

Assim a necessidade de refletir o cenário de dança hoje, a relação corpo negro e arte, quais as limitações, anseios, formações, expectativas, trajetórias e memórias, bem como onde e em quais contextos, são extremamente relevantes, pois ainda são muitas as lacunas.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Estudar conceitos sobre Corpo Negro Feminino na Dança, tendo como objeto de estudo a trajetória e performances da bailarina Mercedes Baptista.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Revisar três importantes obras literárias sobre história da dança no Brasil;
- Analisar como são apresentados os personagens negros na cena de dança, nestas literaturas;
- Ressaltar as contribuições da bailarina Mercedes Batista para a História e Historiografia da Dança.
- Levantar, refletir e dialogar os aspectos referentes ao corpo negro que possam caracterizar e identificar fatores que desviam e aproximam estes corpos dos processos criativos e expressivos em arte/dança, bem como os lugares de pertencimento destes corpos, como: invisibilidade, imagem e subjetividade;
- Criar um pensamento sobre corpo e corpo negro feminino na dança, a partir do conceito de Liminaridade, Corpo liminar e corpo poético.
- Revisar, analisar e levantar dados sobre a trajetória e produção artística de Mercedes Baptista a partir da obra biográfica, “Mercedes Batista a criação da identidade negra na dança”- 2007, do autor Paulo Melgaço.
- Analisar o vídeo “Balé de Pé no chão”, que retrata memórias, trajetórias e a relação de Mercedes Baptista com a dança, seus lugares de pertencimento, seus olhares, como performances;
- Buscar resgatar uma das produções de Mercedes Baptista para análise de percepções, afetações e referências da obra (época, lugar, elementos cênicos,

recursos, relevância da obra, receptividade, signos) bem como se possível de seu processo de criação, criando uma releitura estética e apreciativa da obra;

- Buscar através destas reflexões e da própria pesquisa, destas trajetórias, memórias e contextos, criar uma cartografia representativa sobre o corpo negro feminino na dança. Abordando conceitos e pensamentos que favoreçam o reconhecimento destes corpos enquanto corpos criativos e sujeitos de sua cultura.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e etnográfica. A partir do pensamento de interdisciplinaridade que constitui a área de conhecimento Performances Culturais, proponho realizar **revisão bibliográfica** analítica e reflexiva das literaturas relacionadas aos temas desta pesquisa. Para coleta de dados, serão utilizadas pesquisa e revisão literária, análise de documentário e narrativas testemunhais, com observações e entrevistas semi estruturadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Levantamento bibliográfico geral, relacionados às temáticas:

Dança	Memória	Corpo	Performance	Mulheres
<ul style="list-style-type: none"> • História da dança no Brasil • Dança na contemporaneidade • Danças negras 	<ul style="list-style-type: none"> • Memória coletiva • Memória do corpo • Pertencimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo negro feminino • Corpo escravizado • Corpo poético • Corpo criativo 	<ul style="list-style-type: none"> • Liminaridade • Performances culturais e dança • Subjetividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Mulheres negras no Brasil • Mulheres negras na dança

Revisão e reflexão das bibliografias e verificação dos conceitos que fundamentarão a pesquisa analisando como estão sendo apresentados os personagens negros que compõem a história da dança no Brasil. Entretanto são revisões analíticas com base em um pensamento crítico que fundamenta a pesquisa como um todo.

Será realizada também por este método uma revisão de obras relacionadas á corpo, corpo negro, corpo negro feminino, dança, história da dança no Brasil, dança na contemporaneidade e danças negras, considerando os recortes já apresentados nos objetivos específicos.

Pra coleta de dados sobre a trajetória da bailarina Mercedes Batista além da revisão bibliográfica de sua biografia, proponho a **análise do documentário** “Balé de pé no chão” de Mariana Monteiro. Visita ao - Teatro Municipal do Rio de Janeiro e ao acervo IPEAFRO-RJ

Analisar também uma de suas obras coreográficas enquanto Performance Culturais em seu tempo e espaço.

Para construir essa cartografia de um pensamento sobre o corpo negro feminino na dança, consideraremos algumas **narrativas testemunhais** de algumas pessoas que passaram por toda essa trajetória juntamente com Mercedes Batista.

Desenvolver uma escritura dançante, crítica e reflexiva, apresentado dados observados, coletados que permitam influenciar diretamente no modo como estamos educando os corpos nos dias atuais.

CRONOGRAMA

RESULTADOS ESPERADOS

Acreditamos que esta pesquisa pode colaborar em algum nível com a ampliação do olhar para a mulher negra na dança, para os processos de construção destas identidades e da história da dança atual. Estas referências estéticas e identitárias apresentam uma importância bastante relevante para os novos corpos que hoje tem acesso à dança, corpos estes que estão disponíveis para uma educação de si, que perpassa pelo lugar de corpo expressivo, ativo e criativo, corpos que poderão descobrir e inventar novas possibilidades, “o corpo sendo também um espaço de transgressão” KOFES, (1985, p. 59).

Considerando a inserção desta arte hoje no espaço escolar público é possível notar que o quantitativo de alunos negros e negras é consideravelmente grande.³ Mesmo que a arte nestes locais de educação formal, não tenha objetivos voltados para a formação específica de bailarinas, e que o indivíduo não passa necessariamente por um processo de reconhecimento de si e de uma educação voltada para uma perspectiva criativa, plural e a caminho da consciência do próprio eu, e que este processo ainda não visite a escola pública hoje em sua maioria, e supostamente, nem os processos e lugares de ensino de dança, arte e educação. Estas representatividades podem influenciar diretamente na auto estima destes novos corpos dançantes, por considerarmos que “a educação é algo que emerge do corpo, na medida em que ele se deixa afetar” (ALVES, 2009, p.18).

Diagnosticar estas trajetórias, suas produções e processos criativos podem também inspirar novas discussões acerca do olhar histórico e estético-técnico da dança no corpo negro, estimulando novas possibilidades de criações em dança.

Ao lado de algumas pesquisas relacionadas a esta temática que vem sendo propostas, nosso intuito agora é contribuir e fomentar novas reflexões, interrogações ou suscitar como descreve Burke, (1991, p.12), “para velhas interrogações, novas respostas”.

³ Segundo dados do INEP, o número de alunos negros nas escolas do País ainda é pouco conhecido das estatísticas oficiais. Declara que durante este ano, o Ministério da Educação, em parceria com pesquisadores, militantes do movimento negro e instituições do governo ligadas aos direitos humanos, vai desencadear uma série de ações que visam conhecer a realidade dos estudantes negros matriculados no sistema de ensino brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA LEVANTADA

A. Figueiredo, **Negritude e Embranquecimento, Novas Elites da Cor: Estudo Sobre os Profissionais liberais Negros de Salvador**. ANNABLUMI, 2002.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMINADA, Eliana. **História da Dança: Evolução Cultural**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CARLSON, Marvin. **Performance – Uma Introdução Crítica**. UFMG, 2010.

CARONE, I: BENTO M. A. S. **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DA SILVA JR., Paulo Melgaço. **Mercedes Baptista a criação da identidade negra na dança**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

DAWSEY, John. **Victor Turner e Antropologia Experiência**. Disponível em: <http://www.agenciawad.com.br/clientes/dausp/arquivos/johndaws/principais12.pdf>

DERRIDA, Jaques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FERREIRA, Maria Zita. **Dança negro, ginga a história**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NEVES, L. A. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1999.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

J.C.S.B. Meihy. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar**. Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais (Org. Graciela Ravetti e Márcia Arbex). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: PósLit,

2002, pp. 69-92. MARTINS, Leda Maria – **A Cena em Sombras** – Editora Perspectiva – 1995.

MARTINS, Suzana Maria Coelho. **A Dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do Corpo**. Salvador: Egba, 2008

NOBREGA, Nadir. **Agô Alafiju, Odara: a presença de Clyde Morgan na Escola de Dança da UFBA**, Edufba, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.) **SANKOFA: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996, p. 49.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. **Dança Afro: Sincretismo de movimentos**. Salvador: UFBA, 1992.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos. **Da tradição africana brasileira a uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. Tese de doutorado. 1996. 220p. Faculdade Educação/USP: 1996.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos. **Corpo e Ancestralidade: uma Proposta Pluricultural de dança-arte- educação**. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SCHECHNER, Richard. **Performers e Espectadores: Transportados e Transformados**
In: Revista Moringa Artes do Espetáculo. Vol. 2. N1 (2011).
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/issue/view/850>.

SCHECHENER, Richard. **Performance Studies – An Introduction**. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2002 .

SILVA, Rubens Alves da. **Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832005000200003&script=sci_arttext

SOUZA. Márcio; WEFFORT Francisco. **Cultura Brasileira**. Salvador: Ministério da cultura, 1983.

TAYLOR, Diana. **Encenando a memória social: Yuyachkani**. Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais (Orgs. Graciela Ravetti e Márcia Arbex). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/ UFMG, 2002. p. 13-48.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negra amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BIBLIOGRAFIA ANALISADA

ALVES, Flávio Soares. A dança «en-cena» o outro: prerrogativas para uma educação estética através do processo criativo. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 15, n. 3 (2009). Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/5391/5593>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BURKE, Peter. Introdução e Abordagens e Métodos. In: **O Mundo como Teatro**. Lisboa: Difel, 1992. p. 01 - 26.

CAMARGO, Robson Corrêa de. Milton Singer e as Performances Culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Revista Karpa**. Califórnia, EUA: Califórnia State University, 2013.

CAMINADA, Eliana: **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro. Sprint, 1999.

FARO, Antônio José. **A dança no Brasil e seus construtores**. Rio de Janeiro: FUNDACEN, 1988.

FUNART, Cadastro de dança – listagem de cadastrados. <<http://www.funarte.gov.br/codanca/form1.php?cod2=825>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: LPM, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

INEP, Portal. Censo escolar. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/rss_censo-escolar/-/asset_publisher/oV0H/content/id/19532>. Acesso em: 8 abr. 2014.

KOFES, Suely. **Conversando sobre o corpo**. Papirus. Campinas, 1985.

MELGAÇO, Paulo. **Mercedes Baptista - a criação da identidade negra na dança**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MONTEIRO, Mariana. **Dança Afro: uma dança moderna brasileira**. [2008]. Disponível em <http://www.cachuera.org.br/cachuerav02/images/stories/arquivos_pdf/artigomarianna.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2014.

NEVES, L. A. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. Rio de Janeiro: HISTÓRIA ORAL, 3, 2000, p. 109-116.

NORA, P. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC – São Paulo-SP**. Editora da PUC, 1981.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. **Dança Afro: Sincretismo de movimentos**. Salvador: UFBA, 1992.

PAULA, Dalton Oliveira. **Corpo Silenciado**. Universidade Federal de Goiás. FAV. Goiânia, Goiás, 2011.

PORTINARI, Maribel. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

TURNER, V. **From ritual to theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ, 1982.

WENCESLAU, Ana Carolina Santos. **A dança negra no Brasil**. Obra selecionada pela Bolsa Funarte de produção crítica sobre as Interfaces dos Conteúdos Artísticos e Culturais Populares. Julho, 2010. Cópia cedida pela autora.